

USO DE DOCUMENTOS NO ENSINO

JERUSA VILHENA DE MORAES¹

Introdução

Esse trabalho é resultado da pesquisa de mestrado desenvolvido no Departamento de Geografia (USP). A idéia inicial surgiu como um aprofundamento do Projeto de Iniciação Científica desenvolvido no Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto (LabFAU- USP). Tal projeto, intitulado “Ferrovias, Cidades e Trabalhadores, a conquista do oeste, 1870-1920”², desenvolvido durante o período de julho de 1998 à setembro de 2000, teve como objetivo entender como a montagem da rede ferroviária paulista foi influenciada e influenciou tanto as cidades quanto os trabalhadores ligados diretamente ou não a ela.

A pesquisa implicava na realização de levantamento, organização e sistematização da documentação original, além da pesquisa bibliográfica.

Essa documentação original refere-se aos prontuários dos ferroviários encontrados no Arquivo Geral da FEPASA (em Jundiaí)³, às plantas cartográficas e mapas presentes também no Arquivo e no CONDEPHAAT e aos livros de memorialistas encontrados no Centro de Memória da UNICAMP, no IEB- USP, no Museu Paulista e no Arquivo do Estado.

Neste período, dedicava-me a coletar informações em Museus, bibliotecas e Arquivos, a compor o Banco de Dados da pesquisa e rejeitava qualquer possibilidade de

¹ jevilhena@yahoo.com.br

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO- FFLCH- GE (MESTRADO)

² O projeto era interdisciplinar (duas estudantes de Arquitetura, uma de História e uma de Geografia) e financiado pela FAPESP/ CNPq. Era de coordenação da Prof. Dra. Ana Lucia Duarte Lanna (Laboratório de História da Arquitetura, FAU-USP). Depois de um ano na pesquisa geral, cada integrante dedicou-se a um tema de maior interesse. Recolhemos assim materiais da cidade de Campinas e Jundiaí (plantas das cidades, bibliografias de memorialistas,...) e também foi realizado um estudo sobre a condição social do trabalhador da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (CPEF).

³ Há neste local registro sobre os ferroviários que trabalharam nas companhias ferroviárias do Estado de São Paulo, como a Mogiana, a Sorocabana, a Araraquarense e a Companhia Paulista de Estradas de Ferro (CPEF). Em relação aos ferroviários, nossa pesquisa centrou-se no estudo da CPEF. No caso desta, o registro apresenta-se em fichas presentes em caixas. Há aproximadamente 20 fichas em cada caixa. Abrimos 1000 caixas e selecionamos 1941 fichas. Essas fichas apresentam diversos tipos de informações, tais como: data de admissão, demissão, motivos desta, punições sofridas, inquéritos administrativos, fotos, funções desempenhadas, locais de moradia, entre outras. Todo o material coletado (430 títulos bibliográficos, 1941 prontuários e a pesquisa de cada integrante) está presente no banco de dados, na forma de CD-ROM e possibilitaram uma reflexão maior a respeito da apropriação e construção do espaço geográfico no período estudado.

atuação dentro do espaço escolar. Até este momento, a preocupação era o entendimento das questões ligadas diretamente ao tema da pesquisa. A passagem do trabalho escravo ao livre, a imigração e o desenvolvimento urbano de algumas cidades, eram algumas das questões discutidas pelo grupo de pesquisa.

Durante a disciplina Metodologia de Ensino de Geografia e no estágio realizado para esta, questões como processo de aprendizagem, conhecimento científico e escolar, dificuldades de aprendizagem, entre outras, surgiram e me motivaram a refletir sobre o Projeto de Iniciação Científica realizado e a investigar os procedimentos teóricos e metodológicos necessários à construção de conceitos geográficos.

Nesta pesquisa de mestrado pretendia investigar a relação entre ensino e pesquisa através do estudo de uma metodologia de ensino de Geografia que possibilite o entendimento da organização e produção do espaço geográfico e a construção deste conceito em sala de aula através do uso de documentos.

Este estudo foi feito com os documentos pertencentes à cidade de Jundiaí, sendo estes: bibliografia de memorialistas, fotografias da cidade presentes no Museu Ferroviário da mesma cidade, 4 plantas cartográficas (dos anos 1657, 1888, 1893 e 2001). Além destes materiais, trabalhamos com a bibliografia sobre a utilização de documentos em sala de aula, sobre construção de conceitos (espaço geográfico) e sobre ensino de Geografia.

A pesquisa, realizada na 7ª série do Ensino Fundamental II em uma escola da cidade de Jundiaí, partiu de observações em sala de aula para analisar a dinâmica e a utilização dos materiais didáticos.

Por existirem hoje diferentes concepções a respeito de aprendizagem e currículo, entendemos que essa pesquisa contribui para o ensino de Geografia, já que o trabalho com conceito de espaço geográfico em sala de aula é fundamental para se entender a relação sociedade e formas de produção.

Quando se fala em documento primário e principalmente de informações presentes em Museus ou em Arquivos, têm-se a tendência de encarar um tema aí presente do ponto de vista histórico e do ponto de vista da ciência histórica.

Quando essas informações vão para a sala de aula, muitas vezes perdem-se em discursos sociológicos, filosóficos ou históricos. Além disso, a dimensão pedagógica que os recursos didáticos oferecem- tais como; imagens, textos antigos e gráficos- fazem com que

a Geografia vire sinônimo, muitas vezes, de textos, mapas ou imagens soltas sem as discussões próprias desta ciência.

A bibliografia lida sobre fonte e documentação primária aborda o tema, de forma geral, de duas maneiras: a necessidade de aplicação no ensino de primeiro ou segundo grau (como um instrumento para se fazer do aluno um pesquisador) e o valor do documento e fonte em si (em que mostra, por exemplo, diferentes possibilidades de trabalho com uma determinada fonte). Em ambos os casos, trata-se do estudo deste instrumento como recurso necessário às aulas de História.

O texto de MARGARAIZ (1989) apresenta a primeira destas versões ao abordar que a utilização dos documentos, concebida como um meio de colocar o aluno do Ensino Fundamental em contato com as realidades passadas e de desenvolver nele o sentido da análise histórica, visa a um objetivo ainda mais ambicioso a partir do Fundamental II. Sua utilização não tem por objetivo uma simples ilustração do ensino ou o de torná-lo mais concreto e motivador; seu uso é também o meio privilegiado para fazer o aluno compreender e adquirir progressivamente o comportamento do historiador porque coloca-o frente a matéria prima da História”⁴.

Em relação ao segundo caso (valor do documento em si) milhares de exemplos podem ser citados: a utilização do Arquivo Fernando de Azevedo ou da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo como possibilidade de trabalho⁵. Porém, em nenhum destes há a proposta de utilização da documentação pesquisada em sala de aula.

Na Geografia, os trabalhos existentes sobre documentação primária referem-se em grande parte a estudos pontuais, tais como: a evolução de determinado bairro ou cidade, estudos de dinâmicas territoriais, entre outros. Todos estes utilizam-se de documentos de época para que a comparação e o confronto com as idéias atuais possam ocorrer.

No entanto, o trabalho de BASTOS (1991) por um lado, reforçou o que pretendia neste projeto, pois se utiliza de diversos documentos (presentes no Museu Republicano de Itu) e dá uma perspectiva geográfica a temas que normalmente são analisados do ponto de vista da ciência histórica e discute também, por meio deles, a própria função da Geografia

⁴ MARGARAIZ, Dominique- Support informatif et utilisation de documents dans l’ histoire et géographie. Paris: INRP, 1989.

⁵ Refiro-me aos trabalhos de VIDAL, Diana Gonçalves e SOUZA, Maria Cecilia Cortez Christiano de (A memória e a sombra: a escola brasileira entre o Império e a República, BH: autêntica, 1999) e VIDAL, Diana Gonçalves (*Arquivo Fernando de Azevedo: instrumentos e pesquisa em fonte primária*, in: História da Educação: perspectivas de análise, objetos e fontes, org. Faria Filho, Luciano Mendes, HG Edições, 1999, p.201-208).

quando em contato com pesquisas em acervos museológicos⁶. No entanto, a autora não discute o uso desses documentos no ensino e por conta disto posso considerar esse aspecto relevante para o trabalho. Pretendi reforçar nesta pesquisa que o uso desses documentos no ensino permite ao aluno compreender significativamente os conceitos.

Metodologia Utilizada

Nesta pesquisa, selecionamos bibliografia dividida em três eixos norteadores: obras que tratam da história das ferrovias; obras que apontam como se trabalha, no ensino, a documentação como fonte da memória social; e obras que tratam sobre a teoria do conhecimento (em relação a organização e produção do espaço geográfico e a construção e aprendizagem do conhecimento científico e escolar).

Assim, escolhemos as seguintes obras: MATTOS (1974), MILLIET (1946), MAZZUIA (1976) e MOMBEIG (1984); LE GOFF (1996), de MARGARAIZ (1989), TRIAUD (1998) e de AUDIGIER (1992) e, por último, THOMPSON (2000), ISNARD (1982), AUSUBEL (1968), BACHELARD (1996) e ARNAY (1998).

A história das ferrovias foi necessária já que trabalharíamos com alunos e documentos da cidade de Jundiaí. A história dessa cidade está associada às transformações ocorridas em função da instalação da ferrovia.

A bibliografia sobre documentos foi selecionada por tratarem de obras que abordam a necessidade de se trabalhar com documentos em sala de aula, em uma perspectiva que vai além da mera ilustração do tema ou por refletirem sobre outras possibilidades de pesquisa que não apenas o documento escrito como, por exemplo, as fotografias.

Já as obras que tratam da questão do conhecimento científico foram selecionadas por possibilitarem uma discussão a respeito do papel da ciência, da construção e dos obstáculos na formação de conceitos científicos e dos valores que estão por trás dessa construção

Ao mesmo tempo, selecionei os materiais pertencentes à cidade de Jundiaí e que seriam utilizados como documentos em sala de aula pelos alunos. Os documentos selecionados foram quatro plantas cartográficas da cidade de Jundiaí, catorze fotografias e quatro obras de memorialistas.

Os memorialistas trabalhados foram:

⁶ BASTOS, Maria Antonieta, "Museu e escola: o acervo museológico e a educação formal" in Anais do

- a) SIQUEIRA e FIGUEIREDO (1911). Trata-se de dois memorialistas que contam a história do município de Jundiáí, seus hábitos, costumes, moradores mais ilustres, a formação do patrimônio histórico da cidade e traz algumas fotografias.
- b) MAZZUIA (1976), por ser o único autor levantado que trabalha diretamente com os livros de Atas da Prefeitura de Jundiáí e apresenta dados estatísticos que permitem analisar a direção do crescimento da cidade desde 1660, narrando também a construção de alguns edifícios, entre outros acontecimentos.
- c) COLAFERRE (1971) que narra a história de fundação da vila e apresenta a estruturação da cidade até o século XIX.
- d) D'ALINCOURT (1953) que conta a vida dos viajantes que iam a direção às áreas de “sertão” para comercializar. As áreas de sertão eram aquelas consideradas de difícil acesso, inabitadas e pouco conhecidas.

Além disso, realizei entrevistas com a professora onde o material foi aplicado, além de entrevistas com os alunos e observação de aula.

As entrevistas com os professores tiveram o objetivo de conhecer a dinâmica das relações do processo de ensino e de aprendizagem. A leitura e análise de fontes primárias tiveram o objetivo de realizar uma proposta de metodologia de ensino de Geografia.

Por fim, apliquei oito aulas que tiveram como objetivo entender como ocorre a construção do conceito de espaço geográfico e se essa construção ocorre ou não de forma significativa.

As possibilidades de trabalho em sala de aula com os conceitos científicos são apresentadas em algumas dissertações e teses de doutoramento⁷ a partir de relatos de experiências que se utilizaram, como procedimento, de trabalho de campo, de vídeo, de documento iconográfico, de experimento em laboratório, entre outros enfoques. Em todos

Encontro Nacional de Ensino de Geografia, Educação para Cidadania - SP, AGB - São Paulo, 1991.

⁷ Apresento parte da bibliografia a que tive acesso apenas para ilustrar o que escrevi. LABURU, Carlos Eduardo, *Desenvolvimento e aprendizagem do conceito de aceleração em adolescentes*, São Paulo, Dissertação Mestrado, FEUSP 1987; HENRIQUE, Katia Ferreira, *Pensamento físico e o pensamento do senso comum: a energia no segundo grau*, São Paulo, Dissertação Mestrado, IF/USP, 1996. BROLEZZI, Antonio Carlos, *Arte de contar: uma introdução ao estudo do valor didático da história da matemática*, São Paulo, Dissertação Mestrado, FEUSP, 1991. DIAS, Luciana Fava, *O croqui cartográfico no ensino*

esses trabalhos, os autores relatam explicitamente, ou podemos inferir, que esperam, por meio dessa prática, que os alunos superem os obstáculos epistemológicos.

Para desenvolver esse tema, procuramos nesses trabalhos contribuições para pensar em práticas de sala de aula que privilegiam o contato com materiais que aproximam o aluno do conhecimento científico e que contribuem na superação desses obstáculos epistemológicos.

O entendimento que tenho sobre obstáculos epistemológicos refere-se às representações, aos valores, aos hábitos de pensamento e conhecimentos que todo o ser humano possui diante de determinado conceito.

Segundo BACHELARD (1996), em quem me apoiei para essa questão, o sujeito está continuamente construindo seu conhecimento. Na produção do saber científico, o autor diz que há cinco tipos de obstáculos, sendo estes: o conhecimento geral, a experiência prévia, o obstáculo verbal, o obstáculo substancialista e o conhecimento pragmático.

No caso do conhecimento geral e da experiência prévia, BACHELARD esclarece que esses tendem a cair em dois riscos: o conhecimento universal ou o particular. Em ambos, observa-se a preocupação pelo rigor na definição e por estabelecer, a partir de um fenômeno observado, explicações gerais. Já os obstáculos verbais são aqueles que ficam na primeira intuição e imagem que se configuram a respeito de uma situação. Os obstáculos substancialistas referem-se à postura que o cientista tem ao definir um problema pelo que ele representa – apenas – para si, tornando assim as considerações muito subjetivas. Por fim, o conhecimento pragmático pode ser entendido pelas generalizações extremas que são feitas por meio da utilização de um único conceito e que justamente por serem pragmáticas e fechadas trazem idéias que podem seduzir o observador.

BACHELARD considera que, para a elaboração do conhecimento científico, esses cinco obstáculos devem ser criticados e sofrer rupturas. Do contrário, a ciência tornar-se-á sinônimo de opinião: “*não pensa: traduz necessidades em conhecimentos*”⁸.

Em sala de aula, podemos perceber os obstáculos que foram aqui apresentados quando observamos a utilização de comparações inadequadas pelo professor diante da explicação de determinado fenômeno, por suas afirmações generalizadas a respeito de um conceito, pelo entendimento que faz do aluno como um sujeito passivo do conhecimento e, também, quando se considera como a única fonte de conhecimento, situações essas

da Geografia: ensaio metodológico, São Paulo, Dissertação Mestrado, FFLCH/USP, 2000.

⁸ BACHELARD, G., *op.cit.*, p.18.

semelhantes às aquelas apresentadas quando descrevi a atuação da professora em sala de aula durante o período de estágio.

Essa abordagem a respeito da necessidade de se superar os entraves que dificultam a correta apreensão de conceitos científicos é encontrada, em sua grande maioria, nos autores que trabalham com temas ligados à educação na área de química, física e matemática⁹.

Constatei que um destes, a autora Sonia Maria Dion (1997), propõe a utilização de documentos originais da ciência como um instrumento pedagógico adequado para a superação dos obstáculos epistemológicos. Nesse trabalho, a autora afirma:

Quando se pensa em pesquisa, fica razoavelmente claro que as fontes utilizadas para a identificação de barreiras necessariamente passam por textos originais da ciência: é esse o material para se procurar, para conhecer as fontes de resistência, os obstáculos epistemológicos; quando se trata porém de trazer a questão para as situações de utilização direta pelo professor, em sua prática pedagógica, não fica clara, na literatura, nem a necessidade nem a possibilidade de se trabalhar com esse material (...) fica claro também que autores que defendem sua utilização o fazem, basicamente, dentro da categoria que visa explorar o método, e não o conteúdo e seus obstáculos; e mesmo neste caso, não se encontra uma discussão de estratégias de utilização no trabalho pedagógico que mostre concretamente como este objetivo está sendo alcançado.¹⁰

A partir das leituras referentes a esse tema, percebi que há uma rica literatura sobre a utilização em sala de aula desses materiais na área de ciências exatas, cuja proposta é a de promover a superação de obstáculos epistemológicos.

Embora tenha encontrado poucas referências bibliográficas sobre esse tema na área de Geografia, o mesmo não pode ser aplicado ao ensino de História. Na área desta, por exemplo, há trabalhos que esclarecem a importância de seu uso e outros que apontam

⁹ A bibliografia pode ser acrescentada com as seguintes obras: MARTINS, André Ferrer Pinto, *O ensino do conceito de tempo: contribuições históricas e epistemológicas*, São Paulo, Dissertação Mestrado, IF/USP, 1998; FUKUI, Ana, *Átomo e corrente elétrica : imagens, imaginações e devaneios em sala de aula*, São Paulo, Dissertação Mestrado, FE/USP, 2002; TEIXEIRA, Odete Pacubi Baiertl, *Desenvolvimento do conceito de calor e temperatura: a mudança conceitual e o ensino construtivista*, São Paulo, Tese Doutorado, FE/USP, 1992.

¹⁰ DION, Sonia Maria, *O diálogo com documentos originais da ciência em sala de aula: uma proposta*, Tese de doutoramento, Universidade de São Paulo, 1997, p.46.

diferentes possibilidades de trabalho e os conceitos que poderia explorar, como pode ser evidenciado pelas obras de ZAMBONI (1998) e MONIOT (1992).

Se, por um lado, a bibliografia encontrada aponta uma preocupação com o uso do documento ou materiais em sala de aula e enfatizam a necessidade de sua utilização, por outro, o que verifiquei é que praticamente não há discussão sobre como utilizá-lo em sala de aula. Não encontrei, por exemplo, bibliografia que apresente uma proposta metodológica de ensino por meio de documentos ou materiais de base, aliando textos, mapas ou imagens às questões teóricas de ensino e aprendizagem. Ou seja, de material que trate tanto da importância de sua utilização ou das infinitas possibilidades de exploração conceitual em sala de aula, quanto do tipo de aprendizagem que o aluno terá.

Muitos desses estudos, presentes principalmente nas áreas de física, química e matemática, contribuem ao discutir sobre os instrumentos de trabalho que o professor utiliza em sala de aula e enfatizam a necessidade de aliar os textos originais à literatura posterior, aos programas de televisão, à Internet. Apesar de tratar-se de um importantíssimo material pedagógico que o professor deve ter, acabam por abandonar a discussão referente ao tipo de aprendizagem que estou privilegiando ou descartando quando faço ou não isso, ao tipo de aluno que estou formando ou deixando de formar e como o aluno constrói determinado conceito a partir dessa metodologia.

No que se refere à bibliografia encontrada na área de História e Geografia e que tratam da utilização desses materiais, percebemos uma discussão sobre questões teóricas da aprendizagem e sobre a importância de se trabalhar com esse material. Na Geografia, encontramos a obra de TRIAUD (1998), em que apresenta os documentos com o objetivo de fazer com que os alunos reorientem seus conhecimentos para uma perspectiva geográfica, de torná-los capazes de desempenhar as inter-relações e também exprimir as idéias de argumentação diante de uma síntese, por meio da utilização de um vocabulário preciso. Considero essa obra muito importante para os estudos que tenho desenvolvido. Porém, ela se detém nas atividades, mas não se aprofunda nas questões da aprendizagem, como o que o aluno compreende e como ele compreende.

Após ressaltar a importância da utilização dos documentos em sala de aula, deve-se ter em mente, em primeiro lugar, os próprios limites do corpo documental, como as fotografias, as plantas cartográficas e os textos de viajantes¹¹. Em segundo lugar, considero

¹¹ LE GOFF, J., *História e Memória*, Campinas, UNICAMP, 4ª ed., 1996; VIDAL, D., "A fotografia como fonte para a historiografia educacional sobre o século XX: uma primeira aproximação", in *Educação, Modernidade e Civilização*, FARIA FILHO, L. (org.), Ed. Autêntica, Belo Horizonte, 1998; SMIT, J.W., "A análise da imagem: um primeiro plano", in *Análise documentária: a análise da síntese*, IBICT, Brasília, 1987, 1ªed., p.100-111; SILVA, M., "A construção do saber histórico: historiadores e

que o trabalho com esse tipo de material deve pretender fazer com que o aluno tenha um salto na compreensão do conceito, ou seja, que avance no conhecimento científico e cotidiano que antes possuía¹².

Sobre os limites do corpo documental, considero importante que ele deve ser analisado diante do contexto de sua produção. Um exemplo que cabe aqui é a literatura memorialista que trata da ocupação do espaço da cidade de Jundiaí e que mostra as áreas ocupadas pela população de baixa renda como locais imorais, onde o ócio e a prática de jogos estão presentes. Analisar o espaço dessa cidade apenas com esse relato pode levar a uma interpretação parcial.

Resultados

Por meio da utilização de cada um dos recursos propostos o aluno converteu os símbolos em conteúdo cognitivo, ou seja, deu significado ao conceito a partir da sua vivência e relacionou dois ou mais conceitos, utilizando-se de fatos, experiências e objetos, aplicando-os a outras situações.

Do ponto de vista da professora que participou das aulas que foram desenvolvidas com seus alunos, ela foi a cada aula demonstrando interesse em saber como seria construído o conceito de espaço geográfico por parte dos alunos.

Por parte do aluno e da professora, considero que houve aprendizagem significativa do conceito de espaço geográfico(AUSUBEL, 1968).

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. P., *La educación y la estructura del conocimiento*. 1ªed., Buenos Aires, Ed. Ateneo, 1973.

BITTENCOURT, Circe (org.), *O saber Histórico na sala de aula*, 1ª ed., São Paulo, Ed. Contexto, 1997.

CAPEL, Horacio, *Filosofia y ciencia en la Geografía contemporánea: una introducción a la Geografía: Temas Universitarios*, 2ª ed., Barcelona, Ed. Barcanova, 1981.

CARLOS, Ana Fani Alessandri Carlos (org.), *A Geografia na sala de aula*, 2ªed., São Paulo, Ed. Contexto, 1999.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella, "A construção do conceito de espaço e o ensino de Geografia", in *Caderno Prudentino de Geografia: Geografia e Ensino*, 1ª ed., São Paulo, AGB- Seção Prudente, nº17, julho/1995, p.94-114.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella, *Ensino de Geografia- Cadernos Cedes nº 39*, 1ª ed., Campinas, Ed. Papyrus, 1996.

imagens", in *Revista de História*, nº125, São Paulo, 1991, p.117- 134.

¹² MONIOT, H., "L'usage du document face à ses rationalisations savantes, en Histoire" in *Documents: des moyes pour quelles fins*, AUDIGIER, A (org.), Paris, INRP, p.25-28; TRIAUD, C., *Composition, étude et commentaire de documents- Histoire e Géographie*, Paris, Studio Méthode, 1998.

- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; CALLAI, Helena C.; OTERO, Neiva & KAERCHER, Nestor André (orgs.), *Geografia em sala de aula*, 1ª ed., Porto Alegre, AGB- Seção Porto Alegre, 1998.
- CAVALCANTI, Lana de Souza, *Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos*, 1ª ed., Campinas, Ed. Papirus, 1998.
- COLAFERRE, A., *Em torno da fundação de Jundiaí*, Publicação da Prefeitura de Jundiaí, 1ª ed., Jundiaí, 1971.
- DION, Sonia Maria, *O diálogo com documentos originais da ciência em sala de aula*, São Paulo, Tese de Doutorado- FE-USP, 1997.
- LEAL, Antonio Cesar e BASTOS, Maria Antonieta de Toledo Ribeiro, A pesquisa Geográfica e Acervos Museológicos, in *2º Encontro Nacional de Ensino de Geografia*, Educação para Cidadania, AGB- São Paulo, São Paulo, 1991.
- LEME, Dulce M. Pompeu de Camargo. *Hoje há ensaio. A greve dos ferroviários de 1906*. Dissertação (Mestrado). Campinas: UNICAMP, 1984.
- MATTOON, Robert Howard, *The Companhia Paulista de Estradas de Ferro, 1868-1900: a local railway enterprise in São Paulo*. Tese (Doutorado). Yale University, 1971.
- MATTOS, Odilon Nogueira de. *Café e Ferrovias: a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira*. São Paulo, Alfa-Omega, 1974.
- MAKINO, M. *Jundiaí: povoamento e desenvolvimento, 1655-1854*. Dissertação (Mestrado). FFLCH-USP, São Paulo, 1981.
- MAZZUIA, Mario. *Jundiaí através de documentos*. Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1ª ed., 1976.
- MARGARAIZ, Dominique- *Support informatif et utilisation de documents dans l'histoire et géographie*. 1ª ed., Paris, INRP, 1989.
- MAKINO, Miyoko, *Jundiaí, povoamento e desenvolvimento: 1655-1854*, São Paulo, Dissertação de Mestrado- FFLCH- USP, 1981.
- MENDONZA, Josefina Gomes et alli, *El Pensamiento Geográfico*, Alianza Universidad, 2ª ed., Madrid, 1988.
- NOVAK, J. e GOWIN, B., *Aprender a Aprender*, Coleção Plátano Universitaria, 1ª ed., Madrid, 1984.
- PONTES, Alceu de Toledo, *Elementos para a história de Jundiaí*, 1ª ed., Prefeitura de Jundiaí, 1955.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib, *A formação pedagógica do professor de Geografia e as práticas interdisciplinares*, São Paulo, Tese de Doutorado- FEUSP, 1994.
- SALVADOR, César Coll, *Aprendizagem escolar e Construção do Conhecimento*, 1ª ed., Porto Alegre, Ed. Artes Místicas, 1994.
- SACRISTÁN, Gimeno J. & GÓMEZ, A. Pérez, *La enseñanza: su teoría y su práctica*, 1ª ed., Madrid, Ed. Akal/ Universitaria, 1989.
- SILVA, Adelina L. & SÁ, Isabel de, *Saber estudar e Estudar para saber*, 2ª ed., Lisboa, Ed. Porto, 1993.
- SIQUEIRA, Tiburcio e FIGUEIREDO, J.B., *Almanach de Jundiaí*, 1ª ed., Jundiaí, Ed. Livraria, Papelaria, Typografia e Pautação, 1911.
- TOMANICK, Geraldo, *Jundiaí: cronologia histórica*, 1ª ed., Jundiaí, Museu Histórico de Jundiaí, 1993.

THOMPSON, E.P., *A formação da classe trabalhadora na Inglaterra*, 3ª ed., Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, E.P., *Costumes em comum- estudos sobre a cultura popular tradicional*. 1ª ed. Brasileira, São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

FOTOGRAFIAS:

Coordenadoria Municipal de planejamento e Meio Ambiente. O centro da cidade de Jundiaí. Série memórias, v.1, 1998.

Museu Ferroviário de Jundiaí (14 fotografias relacionadas à cidade de Jundiaí).